

EDITORIAL

DO ENSINO DA ESPECIALIDADE

1353

A Anestesiologia, pelo desenvolvimento técnico-industrial e pelo progresso científico correlato, ocorridos nas duas últimas décadas, teve seu campo de ação muito ampliado, de modo mais ou menos súbito e complexo. Acreditamos que por tais motivos ainda hoje não foi suficientemente percebido por muitos de nós mesmos, anestesiológicos, ou por colegas de outras disciplinas, a necessidade de ensino e treinamento da especialidade, de modo mais amplo e apurado, seja em ambientes universitários, em Centro de Ensino e Treinamento ou mesmo em cursos isolados.

AP 1706

Além disso — *et pour cause* — é mister haver uma reformulação na didática corrente. Hoje em dia quem pretende se dedicar ao ensino se vê a braços com tarefa gigantesca, não apenas pela quantidade (e até diria ainda, pela rotatividade) das informações técnicas e científicas, como também pelo nível desigual dos ouvintes, globalmente falando. Por outro lado, pensamos que a missão de ensinar implica, necessariamente, em informar e em formar, entendido aqui este verbo, não no sentido de dar ao aluno determinada forma (ou, muito menos ainda, de colocá-lo em uma certa fôrma), mas na acepção de ajudá-lo em seu desenvolvimento pessoal. Em uma palavra: em colaborar em sua educação profissional. Reconhecemos também que, ao menos cientificamente, a era do “magister dixit” (com escusas pelo trocadilho e pela giria) “já era”... Da mesma forma, a pretensão de esgotar um assunto, por mais especializado que seja, se tornou tola ambição ou cansativa exigência do conferencista. A aula magistral e completa, nos moldes antigos, é hoje de um academicismo inviável e obsoleto.

Assim, dentro desse contexto e considerando ainda a escassa disponibilidade de tempo, como poderia se situar o pessoal docente, sobretudo, se tem ainda em mente aquela perspectiva de formação? Como instruir e se possível, educar, em tais condições?

A questão parece-nos aberta, sem soluções mágicas ou fórmulas apriorísticas, mas, nem por isso, menos premente.

Sobretudo agora, quando a S.B.A. estabelece um mínimo de dois anos para o período de Residência ou quando se ampliam os horizontes universitários da especialidade. Dentro da enormidade do problema e restringindo-nos, obviamente, ao âmbito da Anestesiologia, gostaríamos de fazer três sugestões, melhor diríamos, três esboços de orientação: 1.º — fornecer ao aluno informações básicas relativas ao assunto, em vez de esmagá-lo com quilos de conhecimento erudito e, muitas vezes, ocioso; 2.º — despertar-lhe a curiosidade, se possível o entusiasmo, para a pesquisa e o desenvolvimento daquelas noções fundamentais; 3.º — ajudá-lo a desenvolver o raciocínio crítico e a criatividade, seja questionando “verdades indiscutíveis”, seja promovendo hipóteses de trabalho. Sendo óbvio o 1.º item, diremos, quanto ao 2.º, que isso poderia ser feito mediante leitura de textos, revisões de literatura, recomendações bibliográficas etc. Em relação ao 3.º item, o diálogo informal aluno professor seria a condição-sine qua non, o que poderia ser realizado de maneira pessoal ou através de discussões em conjunto, seminários, grupos de estudo ou de trabalho etc. É importante que o ensino procure ser um relacionamento bi-lateral, uma influência recíproca, de modo que a direção do aprendizado, em vez de ser uni-direcional e vertical, se fosse fazer em duplo sentido.

É o que tínhamos a dizer, esperando ouvir outras opiniões a respeito de um assunto, apenas delineado aqui e ali e, no entanto urgente e desafiante por toda a parte.

DR. JOSÉ PAULO DRUMMOND